

## **Gêneros jornalísticos: um panorama dos trabalhos apresentados em 2017/2018 no Congresso Intercom<sup>1</sup>**

Autora: Ana Carolina Rocha Pessoa Temer<sup>2</sup>

### **RESUMO**

Este trabalho tem como objetivo realizar um levantamento do perfil dos trabalhos apresentados em 2017 e 2018 no Grupo de Pesquisa (GP) Gêneros Jornalísticos da Intercom, criado por José Marques de Melo em 2009. Os dados apresentados irão somar-se a uma ampla pesquisa sobre a produção acadêmica em gêneros jornalísticos (GJ) nos 10 anos na primeira década deste grupo, através da análise dos anais publicados no site da Intercom nesse período. O estudo teve como base uma pesquisa com abordagem quantitativa, com aplicação de formulário padronizado. O estudo mostrou que os trabalhos expressam tendências em relação aos estudos como manifestações das práticas nos diferentes suportes que avrem espaço para o jornalismo. Verificou-se ainda a importância do GP para fomentar novos estudos sobre os Gêneros Jornalísticos na contemporaneidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Gêneros Jornalísticos; Grupo de Pesquisa; Anais Intercom

### **INTRODUÇÃO**

Este artigo tem como objetivo central traçar o perfil dos trabalhos apresentados no Grupo de Pesquisa (GP) Gêneros Jornalísticos da Intercom, no período de dois anos, ou mais especificamente nos anos de 2017/18. Desta forma, o artigo faz parte de uma pesquisa mais abrangente, cujo objetivo é fazer um diagnóstico dos 10 anos do Grupo de Pesquisa, que foi fundado em 2009 por José Marques de Melo, um dos pesquisadores mais referenciados no Brasil e que consolidou os gêneros jornalísticos no país, e cujos trabalhos tiveram como inspiração seu mestre, Luis Beltrão.

O início dos trabalhos sobre Gêneros Jornalísticos na obra de Marques de Melo é resultado da tese de livre-docência do autor na Escola de Comunicações e Artes da

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na DTI – Jornalismo, GP Gêneros Jornalísticos, XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, Parintins, AM, 24 a 26/06/2019.

<sup>2</sup> Pós doutora em Comunicação pela UFRJ; Doutora e Mestre em Comunicação pela Universidade Metodista de São Paulo; Bacharel em Jornalismo e UFPEM pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) – Linha Mídia e Cidadania – e do Curso de Jornalismo da Faculdade de Informação e Comunicação (FIC) da Universidade Federal de Goiás (UFG). Email: anacarolina.temer@gmail.com

---

Universidade de São Paulo (ECA-USP), em um trabalho que se resultou no livro *A opinião no Jornalismo Brasileiro*, lançado em 1983. Neste trabalho é apresentado uma análise sobre os gêneros jornalísticos no Brasil, com considerações sobre as características específicas do jornalismo brasileiro, mas igualmente considerando a característica mutante dos gêneros, que se modificam e se adaptam a novos veículos, novos contextos, novas formas de produzir e consumir os produtos midiáticos, e em particular, o jornalismo.

Inspirado nos postulados desta obra, Marques de Melo dá início a uma série de pesquisas em jornais impressos brasileiros, que igualmente resultam em obras clássicas, entre elas *Gêneros Jornalísticos na Folha de S. Paulo*, publicado em 1992 e mais recentemente, *Gêneros Jornalísticos no Brasil*, em co-autoria com Francisco de Assis, de quem era orientador, publicado em 2016. Além destas obras voltadas para o jornalismo impresso ou para uma catalogação mais ampla sobre gêneros jornalísticos, Marques de Melo também produziu artigos e trabalhos de pesquisa em conjunto, e foi o responsável pela orientação de teses e dissertações que apresentaram classificações sobre gêneros voltadas para veículos específicos, como televisão, rádio e web, mas também para detalhamento de diferentes gêneros, contribuindo assim para melhorar suas definições/catalogações.

De forma indireta, a produção científica de Luiz Beltrão e Marques de Melo trouxeram a tona o debate sobre a questão dos gêneros, e provocaram autores a realizar novas classificações. Entre estas propostas destaca-se a de Manuel Carlos Chaparro, que faz uma crítica ao modelo de Melo em *Sotaques d'aquém e d'além mar – travessias para uma nova teoria de gêneros jornalísticos* (2008), e apresenta uma proposta de classificação baseada nas ciências da linguagem. Outros autores seguiram também caminhos diversos, eventualmente recorrendo a clássicos, como Bakhtin (1993).

Uma vez que o objetivo deste trabalho é realizar um levantamento do perfil dos trabalhos apresentados no GP Gêneros Jornalísticos da Intercom em 2017 e 2018, foi adotada uma metodologia quantitativa, com aplicação de formulário com questões abertas e fechadas (sendo 6 questões sobre os pesquisadores, 5 sobre os dados gerais da pesquisa, 3 sobre metodologia, 5 especificamente sobre gêneros, além dos dados gerais – nome e autor). Após a sistematização dos dados, foram elaborados gráficos e tabelas para uma melhor análise dos resultados.

Nos anos de 2017 e 2018 o Grupo de Pesquisa Gêneros Jornalísticos contou com 25 artigos, dos quais 23 foram apresentados em 2017, e 12 em 2018. A variação, em si mesma significativa, também corresponde aos movimentos cíclicos da Intercom, cuja quantidade de trabalhos varia em função do local do congresso e outros fatores externos. Destaca-se também que os dois anos, marcados por instabilidades políticas e econômicas, que aliás recrudesceram em 2018, não foram particularmente atrativos em termos de apoios e financiamentos para os pesquisadores apresentarem trabalhos em congressos científicos. Também merece considerações a facilidade de acesso a Curitiba, sede em 2017 em comparação a Blumenau, sede em 2018. Por fim, destaca-se ainda que uma vez que não houve acesso a todos os dados relativos a inscrições dos trabalhos, não foi possível uma pesquisa sobre a quantidade de trabalhos apresentados e recusados, sendo portanto impossível estabelecer outras leituras em relação ao volume que se candidataram ao GP neste período.

Também é válido destacar que apesar di século XX ter sido um caldeirão de novos gêneros e formatos, reciclando os gêneros informativo e opinativo, e testemunhando o aparecimento de gêneros complementares, os estudos acadêmicos sobre gêneros tiveram pouco destaque, só retomando a sua força inicial no século XXI (MARQUES DE MELO, 2010). Ainda assim vários autores tem direta ou indiretamente se identificado com esse estudo, o tema ainda encontra resistência nos estudos sobre jornalismo, sendo muitas vezes trabalhado apenas como instrumental. Além disso apesar dos relativamente poucos trabalhos sobre a teorizações sobre gêneros, muitos autores tem se debruçando na análise de um único gênero ou sub-gênero. Também merecem destaque novas propostas de reclassificação, como foi o caso de Lia Seixas, autora de *Redefinindo os gêneros jornalísticos. Proposta de novos critérios de classificação* (2009) publicado pelo Labcom da Universidade da Beira Interior, em Portugal. Além disso, ao desafio da definição de gêneros para telejornalismo e rádiojornalismo, trilhados por orientandos de Marques de Melo e outros estudiosos destes suportes, tem se somado o a busca por definições /classificações dos gêneros que surgem e se adaptam ao jornalismo na internet.

## **GÊNEROS JORNALÍSTICOS NO BRASIL**

Os gêneros jornalísticos são o agrupamento das conteúdos elaborados a partir aspectos técnicos da produção jornalística e de elementos discursivos ou normas de

redação que conferem a eles características semelhantes e que estão relacionadas a formatos característicos (TEMER, 2009).

Em termos gerais, os gêneros refletem um momento da sociedade, e estão inseridos em uma relação que ao mesmo tempo que auxilia a produção de conteúdos, também facilita a leitura destes trabalhos. Os gêneros, portanto, são elementos contratuais que envolvem a relação entre emissor e público: uma promessa de conteúdo e um conjunto de possibilidades linguísticas-visuais já conhecido por produtores e receptores.

Embora os estudos sobre gêneros remontem a antiguidade clássica, com a separação entre tragédia e comédia, os estudos modernos sobre gêneros jornalísticos são atribuídos a Jacques Kayser, que difundiu o tema em um curso no Ciespal. Essa trajetória teve continuidade com Martínez Albertos, na Espanha, e depois com Irena Tetelowska, da Universidade de Cracóvia. No Brasil os estudos dos gêneros jornalísticos foram iniciados com a triologia *A imprensa informativa* (1969), *Jornalismo Interpretativo* (1976) e *Jornalismo opinativo* (1980) (MARQUES DE MELO, 2010, p. 15-16), de autoria de Luis Beltrão, da Universidade Católica de Pernambuco, Recife, autor da

Discípulo de Beltrão, Marques de Melo dá continuidade a esse estudo e, em 1985, faz uma classificação sobre gêneros a partir da ‘*intencionalidade dos relatos*’ e ‘*natureza estrutural dos relatos*’ (SEIXAS, 2009, p. 63). No entanto, o próprio autor lembra que os gêneros estão correlacionados a demandas sociais e, portanto sujeitos a constantes atualizações. Dessa forma, essa classificação é atualizada em 2016 (MARQUES DE MELO e ASSIS, 2016) com uma categorização mais ampla:

Tabela 1 – Gêneros a partir das funções/intenções

Gênero	Função
Informativo	Vigilância social
Opinativo	Fórum de ideias
Interpretativo	Papel educativo, esclarecedor
Diversional	Distração, lazer
Utilitário	Auxílio na tomada de decisões

Fonte: os autores

Marques de Melo e Assis destacam que os formatos enquanto agregados aos gêneros, são “parâmetros estruturais para cada forma, os quais incluem aspectos textuais e, também, procedimentos e particularidades relacionadas ao modus operandi de cada unidade” (ASSIS E MARQUES DE MELO, 2016, p. 50). Assim, os formatos seriam os

*instrumentos* que servem à intencionalidade dos gêneros, e em princípio podem ser divididos em:

Tabela 2 – Gêneros e formatos propostos por Assis e Marques de Melo (2016)

Gêneros	Formatos
Informativo	Nota, notícia, reportagem, entrevista
Opinativo	Editorial, documentário, artigo, resenha, coluna, caricatura, carta, crônica
Interpretativo	Análise, perfil, enquete, cronologia, dossiê
Diversional	História de interesse humano, história colorida
Utilitário	Indicador, cotação, roteiro, serviço

Fonte: os autores

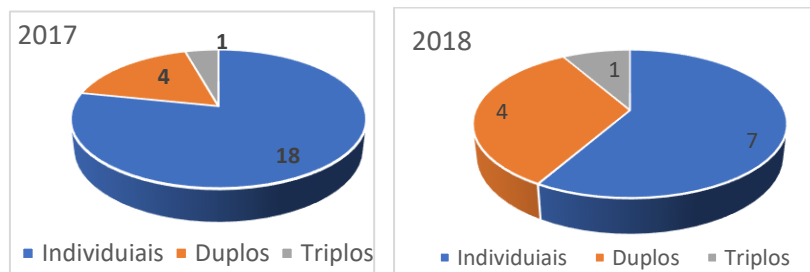
A tradição dos estudos sobre gêneros teve continuidade com outros autores, como Rizzini (1957) e Sodré (1966), além de inúmeros orientandos de Marques de Melo, que fizeram a reflexão sobre a questão gêneros em diferentes suportes. Neste artigo especificamente adotamos a classificação mais recente de José Marques de Melo, e o critério função ou funcionalidade, pela relevância que o autor tem nos estudos de gênero.

### Análise dos resultados

Considerando os materiais coletados os resultados coletados apontam que:

As questões relativas aos autores abrangem desde quantidade de autores, ano de publicação nos anais, instituição de origem, tipo de instituição, cidade e estado dessas instituições, titulação e nível do trabalho. Verificou-se um equilíbrio nos dois anos analisados, nos quais prevalecem os artigos de autoria individual e a maioria dos trabalhos foi publicada no mesmo ano no qual foram apresentadas na Intercom.

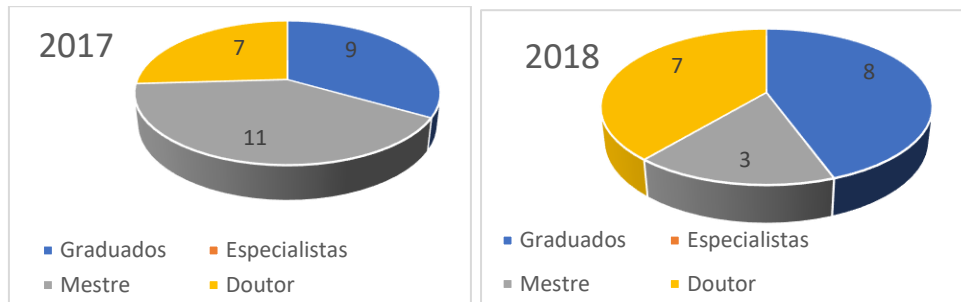
Gráficos 1 e 2– Quantidade de autores por trabalho 2017



Fonte: os autores

Sobre a titulação, verificou-se um grande número de graduados, mas na sua maioria são mestrandos. Da mesma forma, muitos mestres também estão em processo de doutoramento. De uma forma geral, o desequilíbrio nos dois anos é pequeno.

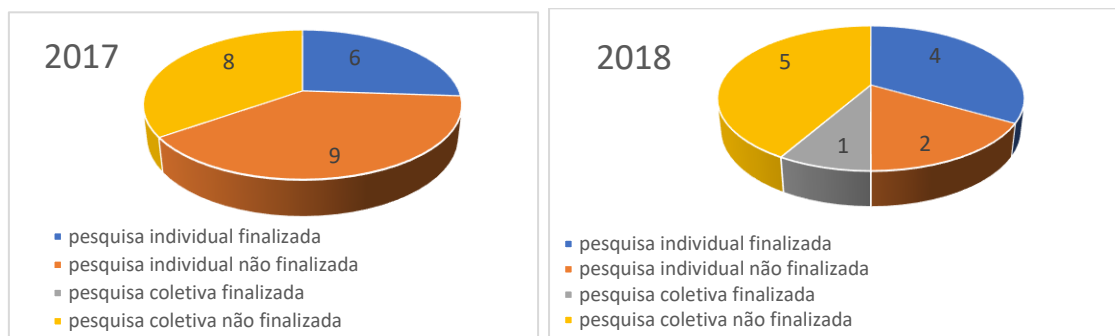
Gráficos 3 e 4 – Titulação dos Autores 2017



Fonte: os autores

A presença de grande número de mestrandos e doutorandos se reflete no tipo de pesquisa apresentada, a maior parte individual e ainda em desenvolvimento.

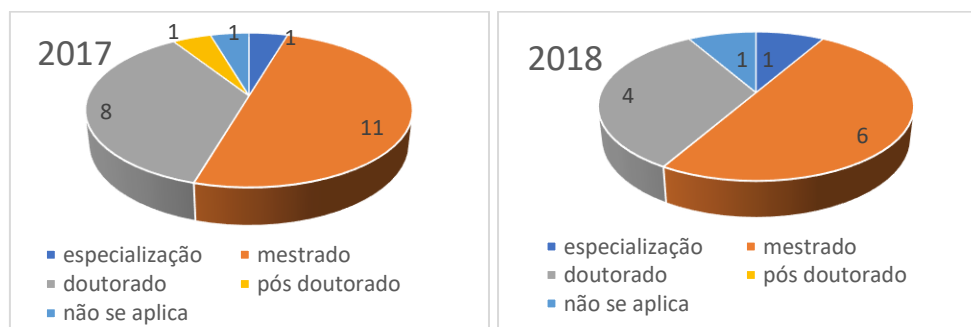
Gráfico 5 e 6 – Pesquisa individual ou coletiva finalizada ou em desenvolvimento



Fonte: os autores

A questão dos mestrandos e doutorandos também se expressa na contradição entre a formação e o nível da pesquisa.

Gráfico 7 e 8 – Nível da pesquisa



Fonte: os autores

Os trabalhos são originários majoritariamente de São Paulo, que centraliza grande número de programas de pós graduação, seguidos por Goiânia/Goiás, em um provável reflexo da origem da coordenadora do grupo neste período. No entanto, há uma grande variedade na origem dos trabalhos em ambos os anos analisados, infer-se que se trata também da grande dispersão dos orientandos do professor José Marques de Melo egressos da UMESP.

Tabela 3 – Estado de origem

Estado citados como locais onde foram desenvolvidas pesquisas	2017	2018
São Paulo	3	3
Rio de Janeiro	2	
Rio Grande do Sul	2	
Santa Catarina	3	
Paraná	1	
Mato Grosso do Sul	1	
Goiás	4	1
Bahia	2	
Pernambuco	1	1
Rio Grande do Norte	1	1
Tocantins	1	
Minas Gerais	2	1
Amazonas		1
Piauí		1

Fonte: os autores

A diversidade também é reforçada na análise das cidades nas quais foram desenvolvidas as pesquisas. Ainda assim, em termos de localização geográfica, a maioria dos trabalhos vem de Goiânia, que numericamente se aproxima muito de São Paulo, a segunda colocada na listagem.

Tabela 4 – Cidade onde foi desenvolvida a pesquisa

Cidade de Origem	2017	2018
Goiânia	4	1
Rio de Janeiro	2	
Porto Alegre 2	3	

Juiz de Fora	4	
Natal	1	1
Juazeiro	1	
Curitiba	2	
Palmas	1	
Campo Grande	1	
Recife	2	2
Ponta Grossa	1	
Florianópolis	2	
Blumenau	1	
Belo Horizonte		1
São Paulo	2	2
Adamantina		1
Manaus		1
Teresina		1
São Leopoldo		1

Fonte: os autores

A análise do tipo de instituição da qual provem os autores aponta que na comunicação há um equilíbrio entre as instituições públicas e privadas, com uma leve vantagem para a primeira. Também acrescenta-se a presença de um pesquisador vinculado a duas universidades fora do país.

Tabela 5 – Tipo de Instituição

Tipo de Instituição	2017	2018
Publica	16	6
Privada	3	3
Comunitária		
Filantrópica/Confessional	4	3
Exterior	2	

Fonte: os autores

### QUESTÕES METODOLÓGICAS<sup>3</sup>

No bloco das questões relacionadas aos procedimentos metodológicos, a pesquisa buscou explorar aspectos ligados as decisões dos pesquisadores na abordagem das questões de gênero. Fica claro que a maior parte dos trabalhos apresentados nesse período possuem procedimentos metodológicos claros, expressos nos resumos ou na introdução, com informações que orientam o leitor. Pode-se verificar também que a maioria dos

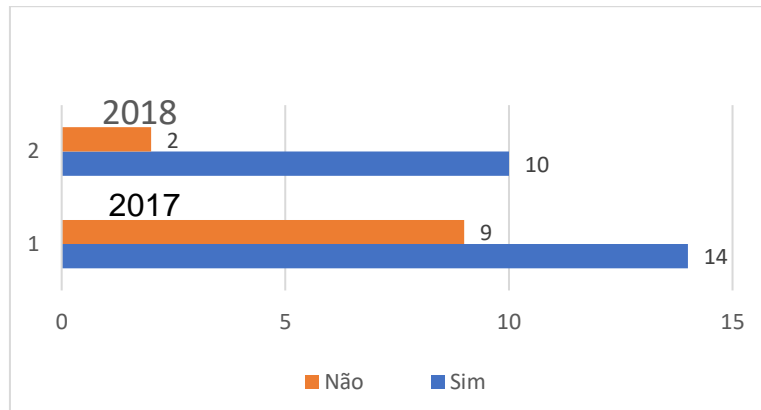
<sup>3</sup> Os procedimentos metodológicos partem dos conceitos de Marconi e Lakatos (2003)



trabalhos, possui abordagem qualitativa, uma tendência também observada em outros estudos do campo da comunicação.

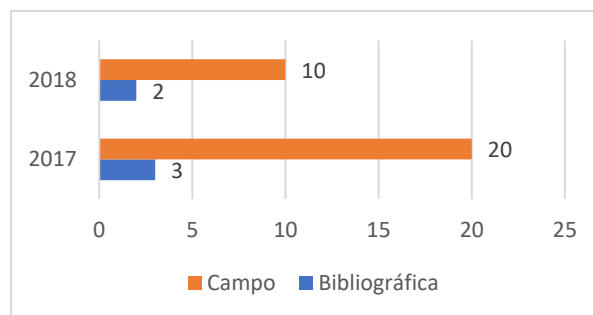
No que diz respeito a abordagem, uma maioria expressiva diz respeito a pesquisa de campo, sendo as abordagens bibliográficas referentes a trabalhos cujo enfoque é mais teórico ou busca uma revisão dos conceitos de gêneros e/ou formatos

Gráfico 9 - Clareza nos procedimentos de pesquisa



Fonte: os autores

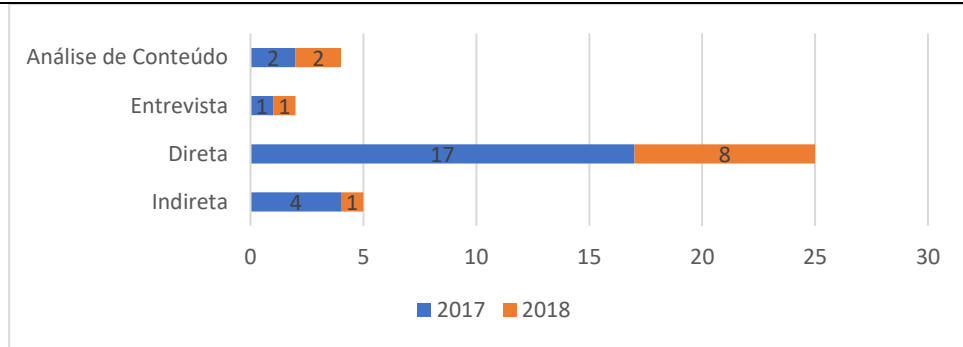
Gráfico 10 – Abordagem da Pesquisa



Fonte: os autores

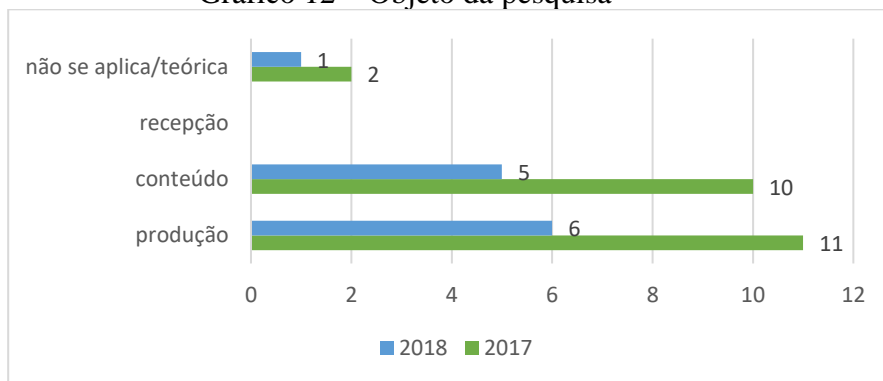
Sobre as técnicas de pesquisa, verifica-se uma clara predominância da pesquisa direta. Analisada em conjunto com o objeto da pesquisa, torna-se é digno de nota que na análise da produção há um discreto interesse pela entrevista, enquanto no material que faz a análise o conteúdo, há um discreto interesse pela Análise de Conteúdo. No item objeto de estudo, é relevante verificar a ausência de estudos sobre a recepção.

Gráfico 11 - Técnica de pesquisa



Fonte: os autores

Gráfico 12 – Objeto da pesquisa



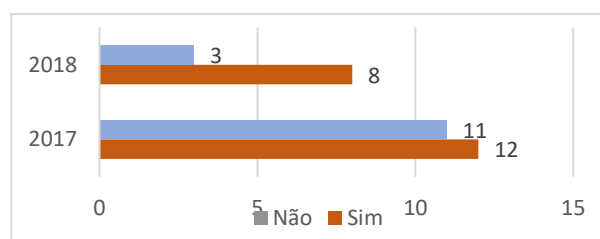
Fonte: os autores

## GÊNEROS E FORMATOS ESTUDADOS

No próximo conjunto de gráficos e tabelas trazem resultados mais específicos sobre gêneros jornalísticos. Foi verificado a predominância de meios, o foco dos trabalhos, gêneros e formatos predominantes, bem como os principais autores referenciados.

Foi verificado inicialmente a centralidade da discussão sobre gêneros na maior parte dos trabalhos apresentados, mas também a ausência de estudos sobre gêneros específicos ou predominantes.

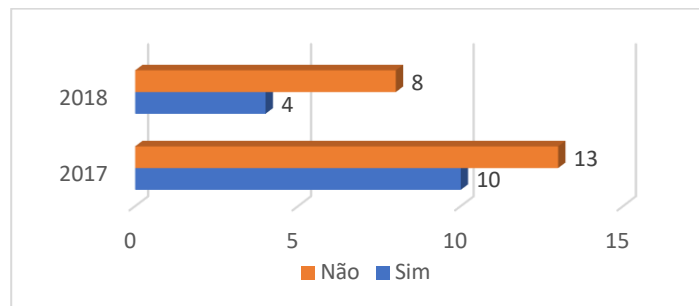
Gráfico 13 – Centralidade dos Gêneros Jornalísticos



Fonte: os autores

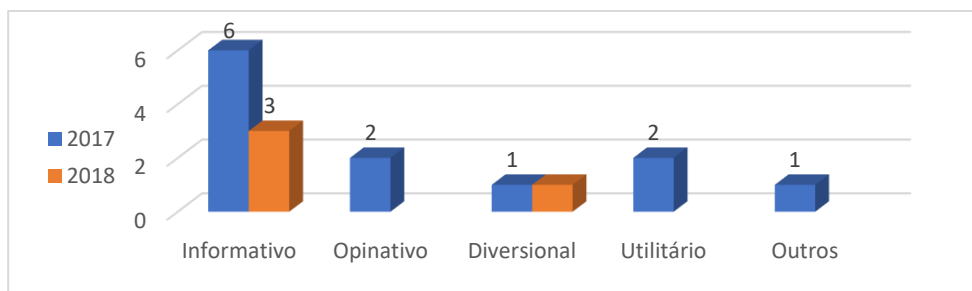
Observamos que a questão dos gêneros é central na maior parte dos trabalhos apresentados, mas trata-se de uma vantagem pequena ou até ilusória, já que muitos trabalhos tem como tempo central o jornalismo especializado, ou mesmo nas relações do jornalismo com outras áreas. Entende-se, no entanto, que mesmo o gênero não sendo o foco central de todos os trabalhos analisados, são visíveis as colaborações que as abordagens trazem para o tema.

Gráfico 14 – Há um gênero predominante



Fonte: os autores

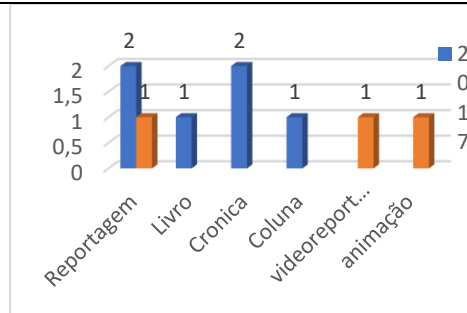
Gráfico 15 – Gênero predominante



Fonte: os autores

No que diz respeito ao gênero predominante, o informativo é claramente ainda o maior ponto de atração dos pesquisadores, embora outros gêneros tenham se destacado com trabalhos bastante detalhados. Essa relação confirma a preocupação com elementos básicos do jornalismo, como a objetividade e o factual. Da mesma forma, embora a maioria dos trabalhos não se detenham em um formato predominante, é interessante observar como os formatos tradicionais, como a reportagem, convivem com novos formatos.

Gráfico 16 – Formato predominante



A diversidade se repete também nos suportes estudados, sendo que o mais presente web, seguido do jornal (destacando que dois jornais se identificam como digitais), e depois televisão. Inere-se que a presença da web como suporte mais estudado deve-se em princípio ao fato deste suporte ser novo e dinâmico, e, portanto, exigir novas reflexões sobre mudanças e adaptações dos gêneros jornalísticos. Mas também deve-se considerar que se trata de um estudo que envolve os jovens pesquisadores, pois se abre como maiores possibilidades para o futuro. Também se destaca alguns suportes inusitados, ou pouco comuns, como uma agência de notícias e revistas em quadrinhos com conteúdos informativos.

Tabela 6 – Suportes citados nos trabalhos

	2017	2018
Não há	5	2
livro	1	
web	5	3
jornal	9	3
Revista	2	
Agência	1	
TV		2
Rádio		1
quadrinhos		1

Fonte: os autores

Destaca-se ainda que poucos trabalhos se fixam nas questões teóricas, embora nestes casos os estudos tenham contribuições e aprofundamentos relevantes para o Estudos de Gênero. As pesquisas empíricas, e em particular as análises de veículos jornalísticos que se aproximam (ainda que não tanto em termos metodológicos) da perspectiva de Marques de Melo, compõem a maioria dos trabalhos. Além disso, grande parte dos trabalhos são centrados em análises sobre os conteúdos dos gêneros, ainda que discutindo aspectos diferentes (temas, estilos de narrativa, usos, adaptações e inovações,



---

Já a análise dos títulos dos trabalhos, ainda que sem os recortes quantitativos, aponta dois aspectos: o primeiro diz respeito a dinâmica destes estudos, com a inclusão de novos gêneros e novos suportes para o jornalismo; o segundo a necessidade de ampliar as bases teóricas para estes estudos, que sendo elementos importantes para as práticas profissionais, continuam diretamente vinculados as rotinas produtivas e aos aspectos práticos da atividade profissional.

Neste sentido, a criação do Grupo de Pesquisa Gêneros Jornalísticos da Intercom, em 2009 deve ser considerada a partir de seu valor estratégico como espaço para ampliar esses estudos e incentivar novas produções acadêmicas com o enfoque nos gêneros. De fato, pesquisar e discutir sobre gêneros jornalísticos neste momento de grandes mudanças – e alguns falam até mesmo em crise – do jornalismo é uma forma de compreender e ampliar os limites do próprio jornalismo. Como observação final, destaca-se que os Anais Grupo de pesquisa Gêneros Jornalísticos nos anos pesquisados neste artigo (2017 e 2018) são uma somatória das mudanças e das angústias que atualmente afetam a produção jornalística de uma forma ampla. Fica, portanto, o convite para outros pesquisadores do jornalismo se juntarem a essa reflexão.

## Referências

- BAKHTIN, Mikhail. **Questões de Literatura e Estética: a teoria do romance**. São Paulo: Hucitec/Unesp, 1993.
- CHAPARRO, Manuel Carlos. **Sotaques d'aquem e d'alem mar. Travessias para uma nova teoria de gêneros**. São Paulo: Summus, 2008.
- MARQUES DE MELO, José. Panorama diacrônico dos gêneros jornalísticos. **Anais do Congresso Intercom** – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Caxias do Sul, RS – 2 a 6 de setembro de 2010. Acessível em <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-2215-1.pdf>. Acesso em 20 de julho de 2019.
- SEIXAS, Lia. **Redefinindo os gêneros jornalísticos. Proposta de novos critérios de classificação**. Covilhã, Portugal: LabCom Books, 2009.
- TEMER, Ana Carolina Rocha Pessôa. Por uma teoria dos Gêneros em Comunicação. **Anais do Congresso Intercom** – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Curitiba, PR – 4 a 7 de setembro de 2009. Acessível em <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-0776-1.pdf>. Acesso em 20 de junho de 2019.